

AS BRINCADEIRAS DA INFÂNCIA E A MEMÓRIA EDUCATIVA DE PROFESSORES – PROCESSOS DE FORMAÇÃO

Graziela Escandiel de Lima^{*}

Valeska Fortes de Oliveira^{**}

Acredito que em minha trajetória de formação escolar tive muitas experiências significativas, algumas muito boas do ponto de vista da construção pessoal, outras, por outro lado, contribuíram para que eu tenha buscado nos cursos de formação de professores, aporte teórico para agir de alguma forma no âmbito escolar e contribuir para que as interações sejam no mínimo prazerosas para professores e alunos.

Ao terminar o curso Magistério, decidi cursar Pedagogia Pré-escola na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), atribuo à escolha o fato de ter resolvido dedicar-me a estudar, no momento e mais especificamente, àquela realidade já um tanto conhecida para mim no âmbito da experiência, mas que no meu entender, necessitava de grande aprofundamento teórico.

Durante o curso de Pedagogia tive a oportunidade de trabalhar em uma pesquisa em escolas infantis de Santa Maria, na qual investigávamos a utilização de jogos e brinquedos como elementos mediadores da aprendizagem nas salas de aula. Na oportunidade algumas professoras demonstravam uma certa resistência para com o tema.

Após a conclusão do curso de Pedagogia, freqüentei uma disciplina do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), também na UFSM, com a temática: **“Memória Educativa e Formação de Professores”**, a dinâmica dos trabalhos, os textos e as discussões em sala me traziam elementos para repensar a maneira de interpretar a resistência daquelas professoras que havia tido contato anteriormente. Nos encontros que tínhamos, refletia-se muito as trajetórias profissionais, os processos de formação dos professores e a escolha profissional da categoria, trabalhando com a Memória Educativa. Na oportunidade comecei a visualizar uma maneira de investigar sobre aquela resistência vista anteriormente.

Na intenção de continuar estudando, resolvi articular um tema de pesquisa que, além de viabilizar minha entrada no Mestrado, realmente me causasse entusiasmo e que buscasse outras pessoas para a discussão de algo que jamais abandonei como foco de análise – o *Lúdico*.

A maneira como procurei organizar a pesquisa junto com cinco professoras atuantes em salas de aula de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Santa

^{*} Autora, Mestre em Educação/UFSM, Professora do Centro Universitário de Jaraguá do Sul - UNERJ.

^{**} Orientadora, Prof^a Titular Dept^o Fundamentos da Educação/CE/UFSM/RS.

Maria/RS - com formação superior para esta função - reflete um pouco desta busca permanente pela formação continuada, que não é recente e nem só minha.

Minha escolha pela linha de pesquisa Formação de Professores foi uma tentativa de conhecer os processos de produção das professoras em suas trajetórias de vida pessoal e profissional, passando pela infância, a entrada na escola, a escolha profissional, e sua atuação na docência.

Quando me propus a trabalhar numa perspectiva lúdica com as professoras, pude situar como problema de pesquisa, a seguinte pergunta:

É possível ressignificar experiências nas trajetórias pessoais de professoras de educação infantil que possam influenciar nas concepções de brincar hoje?

Neste sentido, a pesquisa foi estruturada objetivando “conhecer as significações da memória de professoras de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria, em relação ao brincar”. Desmembrando este intento, podemos visualizar os objetivos específicos desta investigação como inspiradores do trabalho teórico e de campo junto às professoras, para tanto, seria preciso: “Possibilitar um reconstruir de significações sobre as principais formas de brincar das professoras de Educação Infantil, desde sua infância, passando pela vida escolar; Conhecer as representações profissionais em relação ao brincar, através do trabalho numa perspectiva lúdica; Buscar uma aproximação das lembranças infantis com as vivências lúdicas de hoje e seus desdobramentos na vida profissional.”

Os laços que se formam quando temos contato direto com os sujeitos de pesquisa são a cada dia fortalecidos pela empatia, pelo toque, pelo riso, pela história contada. Conhecê-las me fez crescer como pessoa, me fez ver o quanto é preciso contar os fatos que acontecem no interior das escolas e que não é dito, muitas vezes, porque não é registrado, o que não diminui em nada a intenção de ser melhor a cada tomada de atitude.

A METODOLOGIA ESCOLHIDA...

A escolha pelos sujeitos da pesquisa aconteceu casualmente, a idéia inicial era que o trabalho fosse desenvolvido na Rede Municipal de Ensino. Não havia, de início, uma estimativa de número de professoras com os quais o trabalho se desenvolveria, o critério foi dado pela metodologia, que se escolheu por Histórias de Vida com algumas ações diferenciadas quanto à criação do vínculo com as professoras para a coleta dos depoimentos gravados.

A proposta de realização de Oficinas Lúdicas nas Escolas em que o trabalho se desenvolveu foi aceita pelas diretoras das mesmas já na minha primeira visita. Nestes primeiros contatos, deixei também nas escolas, uma espécie de carta de apresentação, com um prospecto do trabalho a ser desenvolvido para que ficasse na escola como o registro do início dessa caminhada.

Na realidade, posso dizer que, com relação a construção metodológica deste trabalho tenho muitos aspectos a considerar, mas, ao mesmo tempo, buscarei situar o fio condutor deste processo: **A história de vida como um ressignificar de experiências, revivendo trajetórias e se transformando num dispositivo de autoformação.**

Foi a partir dos primeiros contatos com as escolas que procurei dar corpo teórico/metodológico ao trabalho. As Oficinas Lúdicas, que inicialmente seriam realizadas para a criação de um vínculo entre nós, foram de certa forma tornando-se imprescindíveis para a coleta de dados. Eu sentia que as professoras soltavam-se mais nessas ocasiões, foi então que essas dinâmicas foram ser intensificadas.

Durante a coleta dos dados, foram realizadas sete Oficinas Lúdicas em cada escola, duas Entrevistas com cada professora e três Escritas Autobiográficas.

Para esse trabalho de mexer com significações, fazer as professoras falarem, brincarem, movimentarem-se em suas trajetórias, busquei a contribuição de Oliveira (2000), no que diz respeito ao trabalho com as oficinas. Para ela *“O desenvolvimento das oficinas acionam com reflexões que o indivíduo utiliza para entender-se a si mesmo e como profissional em seu contexto social e político.”*

Para uma explicação do que seriam estas Oficinas, penso ser preciso descrevê-las visando, também, explicar seu caráter lúdico. Procurei sempre ter uma proposta de brincadeira que pudesse ser realizada com todas no ambiente das escolas. As atividades foram variadas, além das brincadeiras, fizemos desenhos, modelagens, trabalhos com músicas, histórias, representações cênicas, buscando reviver a ludicidade que tais atividades nos proporcionam.

Minha intenção também sempre foi buscar em suas experiências, tanto escolares, quanto profissionais, exemplos de atividades que pudessem ser dinamizadas por nós, nos grupos (das duas escolas) e com os alunos em sala de aula.

Poderia dizer que a abordagem qualitativa demonstra-se como mais apropriada a um trabalho que venha trazer à tona as vivências que as pessoas tiveram ao longo de suas trajetórias de vida. Situar o leitor no trabalho seria salientar a opção pelo Método Biográfico História de Vida.

Em obra importantíssima para a área da educação, visto que trata a formação de professores de maneira comprometida com os principais atores dessa “peça”, Nóvoa (1995) organiza os trabalhos de pesquisadores que trabalham com Histórias de Vida, na tentativa infindável de rever(se) os percursos pessoais e profissionais dos professores. Darei maior atenção, nesse momento, ao que nos diz Goodson (1995, p.71), sobre o significado existente nessa postura teórico/metodológica, para ele *“Ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, “a vida”, é de grande interesse quando os professores falam do seu trabalho...”*

O trabalho desenvolveu-se com as Histórias de Vida das professoras, nas modalidades Oral e Escrita. Oral através das gravações das Oficinas Lúdicas com as falas das professoras e das Entrevistas, também gravadas. Tendo como ferramenta central de trabalho a memória, as entrevistas tiveram como questões norteadoras as lembranças da infância e as brincadeiras vivenciadas, o ingresso na escola, as lembranças de professores, e ainda outras decorrentes das próprias falas das professoras no momento da gravação.

A modalidade Escrita acontecia quando elas, a partir de um tema escreviam sobre suas experiências. Acredito ser relevante situar o que seriam as escritas das professoras. Para tanto, ressalto a importância desta técnica com apoio nas idéias de Kramer (1998, p. 20). Para ela *“resgatar a história das pessoas significa vê-las reconstituírem-se enquanto sujeitos e reconstituir também sua cultura, seu tempo, sua história, re-inventando a dialogicidade, a palavra.”*

Como a pesquisa esteve situada na linha de pesquisa Formação de Professores, o trabalho buscou instaurar um processo reflexivo e formativo no âmbito das escolas, com as professoras. Na perspectiva apontada também por Kramer, a formação se dá, com a pessoa que escreve, no próprio ato de escrever, relatar acontecimentos de sua trajetória pelo que ela chama de *rememoração*:

Pela rememoração, na linguagem e na narrativa, resgata-se o poder de ser no presente, no passado e no futuro, possibilitando tecer o sentido da história, não mais como um encadeamento cronológico, mas como um processo de re-criação de significado. (1998, p. 23)

No trabalho com as Escritas Autobiográficas, as professoras davam visibilidade a fatos de suas vidas que contribuíram para a sua apropriação de concepções de educação, de escola, ser aluno, ser professor; bem como as significações que permeiam suas concepções mais atuais em torno da docência.

Sempre foi muito presente em mim estes “fragmentos teóricos” que tive contato desde que me familiarizei com o referencial teórico/metodológico sobre Histórias de Vida. Procurei então articular a coleta de dados para que pudesse contemplar elementos/fatos/significações da construção pessoal das professoras.

Como a formação de professores é um campo de pesquisa muito crescente nos tempos de hoje, busca-se discutir e analisar o assunto numa base mais investigativa da vida e a pessoa do professor em busca da sua identidade. “Estamos no cerne do processo identitário da profissão docente (...)” (Nóvoa, 1995, p. 15)

A História Oral muitas vezes questionada sobre sua cientificidade pode, neste contexto, referir-se a uma prática documental que privilegia o refazer de experiências vividas das pessoas que muito se precisa ouvir para depois sobre elas falar.

Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado... Nesta medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais do que isto, garante sentido social à vida dos depoentes e leitores que passam a entender a seqüência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem. (Meihy, 1995, p. 10)

Ao falar de suas vivências pessoais as professoras, às vezes, percebiam que praticamente tudo o que relatavam tinha ligação com a vida cotidiana delas, com suas aulas e seus posicionamentos. A investigação acadêmica da história de vida do professor tem o sentido de conhecer os processos pessoais e profissionais que produzem uma subjetividade. Conhecer os nossos processos de formação (produção do ser professor) é a grande motivação desta escolha temática.

Busca-se com esta abordagem de trabalho que o professor sinta-se também um sujeito de criação que vai se trabalhar, num processo de Autoformação, a partir dos seus próprios relatos colocando-se como alguém que se vê, se toca, se sente, se experimenta, visando recriar experiências, reconstruir conceitos e refazer sua prática.

Depois de um apanhado geral sobre os passos dados no trabalho, delimitar como se deu a análise dos dados referentes à pesquisa é necessário, mas não causa em mim nenhuma tentativa de aprisionamento das questões que aqui estão sendo trabalhadas. A pretensão, com a análise foi enxergar com olhos muito mais criteriosos e sensíveis cada processo de construção das professoras com as quais trabalhei.

Minayo (1992, 198) coloca-nos questões como a cientificidade de uma pesquisa ser dada pelo cuidado ético e sério, inclusive com a necessidade da delimitação das técnicas a serem utilizadas na fase de análise.

Eu arriscaria uma observação quanto a esse assunto, no que diz respeito a capacidade de criação no decorrer do processo de uma pesquisa. Atitude esta, que se faz necessária por parte do pesquisador com demonstração de conhecimento teórico e habilidade de tomar decisões que possam nos colocar como produtores do processo de investigação.

A concepção de Bachelard (1983) sobre método científico está inscrita na capacidade de criação, no processo criativo de investigação, na aventura, na dúvida. Procurando estabelecer relações que julgo necessárias para a explicitação deste processo que conduzi com as professoras, resalto que cada passo desta pesquisa foi pensado como uma aventura, como exercício de criação, como dúvida incessante e como significação decorrente da prática investigativa. Entendendo metodologia como todo o processo construído ao longo da investigação, resalto a importância dada a cada etapa como parte fundamental do trabalho e correlacionada as outras.

Como parte principal da análise, utilizei a livre interpretação das falas e escritas das professoras, realizando não apenas um procedimento de tratamento dos dados, mas uma aproximação dos sentidos dados pelas professoras às suas próprias narrativas.

Nesta fase de análise, cabe ao pesquisador atentar não só para o que se diz, mas igualmente para o que não se diz. É preciso muitas vezes olhar para o contexto em que a fala ou o texto está inserido, para entender o que a fala propriamente dita não externou em palavras. Neste sentido, ao trabalhar com a história das professoras, precisamos além de analisar o dito/expesso em entrevistas, escritas ou nas falas delas nas oficinas, pensar na situação em que foi dito, na situação vivida, e o que representa ao lembrar.

Ao categorizar os dados, é preciso buscar no interior da fala dos participantes a relação dinâmica existente entre o que se diz e o que se quer dizer (Minayo, 1994).

Colocando sob análise a metodologia escolhida, em termos de histórias de vida, como nos diz Marre (1991, p.135) *“Não se saberá nada da verdade última da experiência humana. Ter-se-á apenas em termos bachelardianos, um conhecimento aproximado.* Esta abordagem, digamos mais “aberta” de análise dos dados nos aproxima de sentidos, nos deixa em contato com conhecimentos provisórios construídos ao longo do percurso da investigação. Pensando assim, podemos nesta pesquisa, visualizar o Imaginário Docente¹ construído ao longo da carreira.

¹ Aqui entendido como rede simbólica de significações construídas/instituídas ao longo da história de vida sobre a docência.

Passo a Passo o Delineamento Metodológico

Participaram desta pesquisa a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Pe. Gabriel Bolzan com a contribuição das professoras Regina e Norma e a Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) João Franciscatto, onde o trabalho aconteceu com as professoras Lindomar, Jandi e Rosângela. De clientela de classe baixa, as duas escolas que participaram desse processo de investigação/formação estão situadas no Bairro Camobi, próximo a UFSM.

A partir do trabalho lúdico nas oficinas, num misto de lembranças e reflexões sobre questões pertinentes ao trabalho, (re)organizamos de forma descontraída parte de nossas histórias da formação escolar e acadêmica, memórias de tempos nem tão passados que estão presentes em nós, às vezes esquecidos, e que me cabiam buscar por ocasião da pesquisa.

Ao pensar nos momentos da coleta de dados eu sempre quis realizar atividades que nos fizessem soltar o corpo, a voz, a criação, a imaginação... Porém, muitas vezes é difícil haver sintonia entre o proposto e o realizado. Digo isto em função de que, o ato de representar já se apresenta como um tipo de exposição pessoal a que a pessoa precisa estar disposta. Pensando numa representação que advenha de um processo de rememoração de experiências passadas, temos uma exposição um tanto maior, onde a pessoa experimenta-se com outro olhar, podendo, assim, causar certa resistência.

Para ilustrar o que acabo de inferir, busco a escrita da professora Rosângela em seu caderno de registros: *“Hoje, dia 17/10 foi bom o encontro com a Graziela, onde relembramos mais uma vez o meu passado, apesar de ato falho em que eu não consegui representar alguma experiência escolar marcante, de alguma professora.”*

Ser adulta, poder brincar, expor-se, experimentar-se, rever-se, são atitudes que nos demandam esforço quando as lembranças, de certa forma nos trazem à tona sentimentos já experimentados e que nos deixaram gostos ruins. Digo isso em função de que, trabalhando com a memória das pessoas, sabe-se que ao esquecer-se o depoente toma a atitude de deixar para trás o que lhe é caro lembrar.

Para a professora Jandi escrever significou juntar pedaços da sua história, entender como e porque algumas coisas aconteciam. Ela relata:

“Eu adiei quanto tempo pra escrever ... Pra mim foi muito bom escrever ... uma coisa que me marcou e eu sempre cobre bastante, é que os meus pais brigavam muito, a vida inteira, só que, escrevendo isso eu me dei conta que eles brigavam mais depois que nós fomos morar em Formigueiro, antes nós

morávamos em São Rafael. Eu passei a entender algumas coisas... e eu só me dei conta disso escrevendo."

Ao escrever, a pessoa se reconstrói através da sua própria trajetória, se vê colocada sob o seu próprio foco, analisando-se no contexto em que viveu e como chegou a olhar hoje sua história de outra maneira, com a interpretação mais aguçada e trabalhada pelo tempo.

A INFÂNCIA E O LÚDICO - um pouco desta história

*A infância como idéia de uma época especial para cada ser humano surge no mesmo tempo das grandes descobertas... Para a criança inventa-se a infância quando decide-se deixá-las brincar, ir à escola, ser criança. (Do filme **A invenção da Infância**)*

Nas muitas oportunidades que tivemos de conversar, tanto nas Oficinas Lúdicas como nas entrevistas, o assunto infância veio à tona como um dos enfoques a ser trabalhado. Era preciso refletir sobre nossas lembranças desta fase, buscando em nossas memórias as partes constitutivas das nossas vivências lúdicas. Procuramos, também, a partir da nossa pretensão de desencadear um processo de autoformação através das suas memórias reveladas e refletidas no espaço da pesquisa, enfatizar a infância que proporcionamos às crianças com as quais trabalhamos.

Se analisarmos como a infância foi/é concebida, veremos sê-la tratada de maneiras muito diferentes em distintos momentos e lugares da história humana. Poderíamos nos perguntar em meio a tantas definições, jeitos de definir, conceitos instituídos, construídos historicamente: **O que é infância?**

Partindo do pressuposto de que **Ser Criança Não significa ter Infância**, tão bem exemplificado no filme **A Invenção da infância**, penso que nós educadores precisamos além de discutir e saber as idades que compõe esta fase da vida das crianças, calcadas em concepções psicológicas não menos importantes para o nosso fazer pedagógico, precisamos olhar esta temática tão instigante e complexa do ponto de vista social, como uma fase em que as crianças criam e recriam, constroem e são construídas a partir do que lhes é proporcionado. Crianças como sujeitos históricos.

Pretendendo agora dar visibilidade às lembranças das professoras desta fase das suas vidas, penso que estas lembranças também podem nos colocar em contato com concepções já tidas ou construídas pelas mesmas sobre a questão da infância como época de brincar. Fazendo isto, procuro em meio as suas falas, além das palavras, os gestos, os olhares que nos remetem a uma relação íntima e subjetiva com o que consideram ser e ter sido esta fase para elas.

Reportando-me ao aparato teórico utilizado anteriormente, considero que, nesta pesquisa, para além do entendimento geral do que seria a infância, é necessário considerar os conceitos subjetivos inscritos na individualidade de cada pessoa, de acordo com as vivências que tiveram e que são também elementos pertinentes ao imaginário docente que as acompanha.

Acredito que o subtítulo desta parte da escrita nos pede que se realize as ligações existentes entre a infância, a criança, o lúdico, a brincadeira. Sei que estas palavras podem parecer sinônimas, mas é justamente nesta discussão que pretendo entrar a partir do referencial teórico que tive contato e do trabalho desta pesquisa propriamente dita. Acredito que seja necessário contar realmente um pouco desta história.

A CRIANÇA E A BRINCADEIRA

Os processos sociais e civilizatórios de produção que deram forma à sociedade industrial, constituíram a infância e a brincadeira contemporâneas. Para isto dois fatores colaboraram: as crianças foram colocadas em grupos específicos, separadas dos adultos, constituindo assim, uma segregação da infância; a institucionalização das crianças e a utilização das atividades lúdicas como instrumento de formar o “novo homem”, investindo-se na modelagem das características racionais e produtivas dos indivíduos.

Mas, e o que significa hoje, a associação do termo lúdico à infância? Para Marcellino (1997) a resposta a esta pergunta, está ligada à dominação exercida sobre a cultura da criança com, o que, para ele, representa o “furto” do seu componente lúdico, pela dinâmica da sociedade atual.

Considero importante situar as contribuições dos autores a respeito do lúdico para as crianças. Oliveira (1989) - autor que escreve também sobre o lúdico, através do enfoque do que representa o brinquedo na sociedade e para a criança – considera que o brinquedo seria além de um objeto, uma possibilidade de “recriação” do real, para ele: *Ao contrário do que se dá com os adultos, as crianças não procuram no brinquedo uma forma de evasão. Desejam, sim, explorar e conhecer melhor o real, criando-o ou recriando-o à sua maneira. (69)*

A este respeito, podemos nos reportar a nossa própria formação escolar, que, na maioria dos casos, não objetivou a consideração do “componente lúdico da cultura infantil” (Marcellino, 1997).

Neste sentido, busca-se que as crianças, preparem-se para um “futuro” que na realidade não é seu, é nada mais que o plano do adulto para a sua vida. E, para que este plano se realize é preciso que se molde a criança à imagem adulta precocemente, tirando-lhe a possibilidade de viver em seu tempo.

Acredito não ser preciso dizer que não proponho a infantilização do professor, ou a “preservação” da infância, precisamos, sim, é do respeito a alegria, ao prazer de brincar, ao desenvolvimento da criatividade pela criação... Precisamos, sim, é buscar uma nova realidade num processo cultural de características essencialmente lúdicas!

Estas questões necessitam de extrema atenção na realidade atual, e, no contexto desta pesquisa, precisamos adentrar por caminhos que nos levem, mesmo que restritamente, a buscar um outro modo de ver e atuar na realidade da Educação Infantil. Podemos considerar, como Dinello (1997, p.30), que:

Essas são opções... são idéias sobre as quais devemos refletir. Afirmando o direito da infância, pensamos no direito ao jogo, no direito a um crescimento não programado por um modelo de aprendizagem acelerada. Direito para as crianças de viver de alegrias graças ao jogo. Respeitemos o direito da criança de brincar no espírito de despreocupação infantil, em lugar de querer fazer rapidamente um adulto modelado sobre o atual tipo de sociedade. Pensemos num futuro a criar, não na reprodução do atual.

Voltando ao fio condutor deste trabalho, que efetivamente busca nas histórias de vida das professoras as significações construídas a respeito da infância e do que seria o brincar para elas, perpassamos o terreno da sua atividade docente em educação infantil, buscando no trabalho de oficinas lúdicas e nas entrevistas as suas concepções de brincar - na sua infância e com os alunos – e é sobre isto que falaremos agora.

Ao pensar na infância como época da brincadeira - não exclusivamente, mas prioritariamente - pudemos relacionar o brincar das professoras às suas concepções de brincar hoje. Na primeira entrevista que realizei com as professoras pedi a elas que me falassem sobre a sua infância; em meio aos relatos, elas me contaram do que brincavam, suas companhias, amigos, experiências...

Ao abordar as brincadeiras da infância, pensando além das lembranças, buscando as sensações tidas na época, perguntei o que era brincar para elas quando crianças. Pude notar que elas precisavam buscar palavras para definir as sensações que tinham ao brincar. Quase sempre a pergunta era inicialmente acompanhada de um silêncio até que pudessem expressar suas idéias.

Para a Jandi *“Brincar era vestir as roupas da mãe, pegar uma boneca ou outra ... (Pausa na fala)... era muitas vezes fazer uma arte, alguma coisa assim, fazer uma*

descoberta nova, que era considerado arte.” Analisar suas falas significa levar em conta os silêncios, as expressões feitas, a situação lembrada e a situação em que nos encontramos no momento da entrevista.

Minha intenção ao trazer estas falas das professoras reside no fato de que as concepções sobre o brincar infantil que elas demonstram ter hoje em suas vidas estão calcadas não somente nestas lembranças, mas estas podem ser levadas em conta no momento em que se dedicam a brincar com os alunos.

No relato da Norma encontramos novamente as marcas do esquecimento:

“Se eu nem me lembro como é que era ... era bom, sensação de liberdade, eu acho, pelo menos ali eu podia mandar no que eu queria, sabe, fazer o que me dava na cabeça, criar, brincar do que eu queria, acho que é por aí, liberdade...”

A fala da professora Norma, para mim é a demonstração da visão que hoje lhe permite analisar a criação que teve, onde a espontaneidade, o dinamismo e até a alegria muitas vezes lhe foram podados.

AFINAL, DE QUE LÚDICO ESTAMOS FALANDO?

Minha idéia a respeito do lúdico contempla as atividades que envolvam e desenvolvam a capacidade criativa das pessoas, seja plástica, musical, recreativa, corporal, onde possamos nos movimentar e viver com intensidade as emoções que isto nos suscita. Brincar com os outros, com as coisas ao nosso redor, brincar com as palavras, criar a partir do nada algo que possa permitir que nos encontremos enquanto pessoas.

Poderíamos dizer que estou entrando em um campo de atuação que, até então não era muito conhecido para mim, mas que sempre me chamou a atenção, talvez até pelo meu temperamento. Refiro-me ao campo da criatividade, da expressão, da sensibilidade, dos processos de criação, da capacidade de criar, da imaginação, da fantasia.

As nossas oficinas lúdicas, com propostas de expressão através do desenho, da pintura, da modelagem, da expressão corporal, buscavam a marca pessoal de cada uma. Mesmo sendo uma proposta para um “fim”, que era a visualização das suas experiências vividas, ao permitir a exposição de cada uma em realizar, arriscar-se em criar, pode-se dizer que possibilitava-se o desenvolvimento da capacidade criadora. Não seria isso necessário já que as professoras trabalham em educação infantil, tempo da infância, tempo de criar, de dar vida a imaginação?

Nessa perspectiva, entendemos que a proposta de um trabalho de expressão, brincadeiras, criatividade, viabilizou acrescentar às participantes novas possibilidades de reflexões em relação às suas vivências, sua prática e as ações que perpassam o seu fazer pedagógico.

Busco em uma fala da professora Jandi uma demonstração de conhecimento dela enquanto docente sobre o assunto agora abordado. Ao responder o que é o brincar hoje para ela, responde:

“Na vida de uma criança, brincar é tudo, eqüivale a um trabalho bem feito do adulto, é a realização ... E no caso pra mim também, quando eu brinco com eles, eu ... me sinto muito a vontade, é uma coisa prazerosa, isso não necessariamente o brincar com brinquedos, mas o brincar ... fazer algum comentário que agrada eles, alguma coisa, brincar é tudo, pra criança... e pra mim também! Então brincar é isso, é o professor brincar ...”

A partir desta fala, poderíamos deduzir que esta seria uma concepção da professora sobre o brincar das crianças dentro de uma escola de educação infantil. Poderíamos também dizer que esta concepção, acreditamos, estaria sempre presente na atividade docente dessa professora.

Na fala da Lindomar também podemos ver tal consideração expressa:

“Eu acredito que brincar, é uma necessidade que se tem,... a criança em si, porque no momento em que a criança brinca, ela desenvolve tanta coisa, ... no brincar ... O Faz – de – conta, ela transpõe a realidade dela para o brinquedo, ... Eu acho uma coisa importantíssima o brincar pra criança... E ajuda a construir a personalidade, faz parte do desenvolvimento dela.”

Acredito que fica claro que para mim o lúdico não significaria somente brincadeira em si, mas a manifestação lúdica existente em qualquer atividade que nos permitimos realizar.

Aposto, como Marcellino (1997, p.50)...

... na criação, na recreação, na imaginação, na criatividade. ... Nas utopias... vemos a recusa do estabelecido e o anúncio do novo. É preciso assumir, com todos os riscos, a vocação utópica da educação, fundada na criatividade da dimensão lúdica.

NOSSOS CAMINHOS, NOSSAS ESCOLHAS...

Como foi a entrada na escola para as professoras? O que significou conhecer a instituição escola? Como foi o processo de escolha da profissão? O que representou para elas a formação em nível superior para a docência em educação infantil? Como se vêem em sala de aula com as crianças?

Estas indagações fizeram parte das minhas intenções na coleta de dados junto às professoras com as quais trabalhei. Conhecer seus processos formativos desde a entrada na escola se fez importante pelo fato de ser a escola o lugar onde, geralmente, se dão as primeiras interações fora do ciclo de amigos e do núcleo familiar.

Trago, neste momento, as considerações de Marcellino (1997, 110) no que se refere aos educadores, seria possível apostar na sua ação para o desenvolvimento de um trabalho numa perspectiva lúdica?...

... é preciso levar em conta que os educadores de hoje são formados por uma escola que não valorizou a sua experiência lúdica infantil, ... Isso significa exigir do educador um comportamento contrário ao qual lhe é cobrado e no qual foi e está sendo formado.

O autor tece considerações a respeito do trabalho e o respeito que os professores têm às vivências lúdicas que as crianças têm antes de chegar na escola. O lúdico é colocado pelo autor como um componente da cultura infantil que precisa ser preservado por nós educadores, mas, pergunto, como fazer, se tivemos toda uma história de formação pessoal e escolar em que muitas vezes isto nos foi também negado?

A consideração da escola como um espaço/tempo para o brincar é defendida por Redin (2000), nesse trabalho falando especificamente de escolas infantis, o autor acredita que o tempo de escola precisa ser um tempo de infância. Digo isso em relação ao que conseguimos refletir nessa pesquisa, o fato da escola precisar ser um lugar de alegria, encanto, imaginação e fantasia, onde tempo e espaço sejam considerados em função do prazer de estar lá.

Sabemos que os processos de formação porque passaram as professoras não contemplou a educação infantil, mas nas escolas de primeira a quarta série que freqüentaram pouco se fez para que esta alegria de estar lá pudesse se manifestar.

Quanto às séries seguintes, sabe-se que nessa fase menos ainda se fala em brincadeira com os alunos, por razões “óbvias” de que não são mais considerados crianças, então mais motivos têm-se para tornar o espaço escolar sem cor, sem alegria e sem vida. Para as professoras não aconteceu diferente, os relatos desta fase de vida escolar contemplam algumas, muito poucas, oportunidades de estarem mais livres no espaço das escolas.

A ESCOLHA PROFISSIONAL

A escolha por visualizar o processo de escolha profissional foi também uma construção minha dentro da pesquisa. Ao entrevistar a professora Rosângela, ela me relatou que, por ocasião de sua mudança para a cidade, começou a brincar de “Professora” com seus colegas. Comecei então a pensar que elas, tendo cursado o mesmo curso que eu, e lembrando da minha constante defesa da formação superior para o exercício docente em educação infantil, poderiam ter muito a contar sobre isso. Procurei, neste sentido, articular maneiras de conhecer como se deu esta escolha em suas vidas. Para Wadas e Souza In Oliveira (2000, p.309) escolher uma profissão:

Trata-se de trilhar um caminho que não surge de um momento para o outro, é um processo repleto de imaginário social, imaginação, imagens e representações simbólicas que vão se estruturando durante o percurso de nossas vidas.

Das cinco professoras que participaram do trabalho, apenas uma me relatou que seu desejo desde pequena seria ser professora. Encontrar-se frente a uma turma de alunos sem qualquer tipo de formação didático/pedagógica também pode ser, ao meu ver, um fator desencadeante de um processo de escolha profissional. Foi isso que aconteceu com a Norma e a Lindomar. Trabalhar com a memória docente, visualizando a subjetividade dos processos de formação pessoal e profissional das professoras envolvidas na pesquisa, permitiu-me vê-las colocando-se também como protagonistas destes processos. Foram elas que, ao escolherem a profissão, em qualquer que fosse a situação, escreveram com as próprias mãos a sua história de educadoras.

REFLETINDO A FORMAÇÃO ACADÊMICA...

Se a escolha profissional é um processo repleto de significações construídas na subjetividade de cada uma, a vivência de um curso de formação de professores se mostra, e é também uma grande produção de sentidos na nossa trajetória.

Buscando saber como foi o curso de graduação para estas professoras, realizamos atividades, reflexões e diálogos nas oficinas lúdicas e nas entrevistas sobre a época em que estavam no curso de pedagogia.

“Tem que gostar, acho que se tu não gostas, nem paciência tu vais ter. Eu acho que tu tens te preparar, mas tem que ter aquele Dom, aquela vontade de ser o que tu vais ser, tu não vais fazer direito aquilo. Acho que se tu não tens o Dom, quando tu chegares lá no meio do caminho, tu vais dizer que tu não ‘dá pra coisa’.”

Para analisar esta fala da Regina, precisamos levar em conta de onde vem este termo *Vocação*, de raízes muito profundas na concepção de magistério sacerdotal conduzido inicialmente por ordens religiosas, e que, ao meu ver não poderia ser apropriado para se defender a qualidade de uma atuação docente.

Dom, termo também utilizado por esta professora, e que nos dá a idéia de predisposição, caráter inato, que está com a pessoa sem considerar os fatores sócio-culturais, ao levar em conta estas definições, acredito que não poderíamos apostar nesta idéia como apoio para o delineamento de particularidades inerentes ao trabalho do professor em educação infantil. Apesar de toda a história das mulheres e seu ingresso no magistério, ter utilizado o discurso do *Dom*, da predisposição à maternidade e ao cuidado: quem cuida de seus filhos, cuida de uma classe; penso na profissionalização e no preparo teórico como fatores de desenvolvimento na profissão.

Acredito que este seja um dos motivos pelos quais eu procurei realizar este trabalho, penso que as significações acerca de uma profissão são construídas ao longo do percurso das nossas vidas, daí a se pensar nas diferentes formas de ver e rever(se) também no ambiente de formação acadêmica. É nesse sentido também que procurei uma aproximação com o imaginário docente dessas professoras, buscando visualizar a construção de sentidos que se processou ao longo de suas trajetórias.

Ao adentrar no imaginário das professoras com relação a sua profissão, adentramos, também o simbólico, as significações, os sonhos na tentativa de compreender a questão da escolha profissional, os sentidos dados à docência, ao seu fazer pedagógico, às vivências lúdicas ao longo da vida e como isso se revela hoje, do ponto de vista das suas próprias falas², na sua atividade com os alunos.

Na perspectiva de nos aproximarmos dos sentidos construídos em suas trajetórias de formação pessoal e profissional, é que buscamos conhecer o imaginário destas professoras em relação à docência e ao brincar em sala com os alunos. Podemos descrever o imaginário, juntamente com Ferreira e Eizirik (1994, p. 8), como:

... formas de expressão que nos remetem ao campo do dizível e do indizível, do óbvio e do mistério, do visível e do invisível, dos sonhos e dos desejos, do conhecimento e da ação. Aprender seus sentidos significa percorrer caminhos sinuosos, na busca de “decifração” daquilo que se mostra/ocultando.

É também neste sentido, que Ferreira e Eizirik (1994, p. 10), nos dizem que ...

² Não foram realizadas observações das suas aulas. Não buscamos a verificação da veracidade dos seus depoimentos e sim o sentido dado por elas aos seus relatos.

As pesquisas no campo do Imaginário Social poderão nos ajudar na identificação e na compreensão dos mecanismos de manipulação e das determinações aos quais os sujeitos estão expostos no seu processo de escolarização.

A intenção, de reconstruir as significações dadas à infância, às brincadeiras infantis, e aos processos de formação pelos quais as professoras passaram e que por eles foram também atravessadas, é uma tentativa de conhecer e valorizar as experiências que são, sem dúvida, produtoras dos sentidos dados hoje, à docência em educação infantil e ao brincar com os alunos.

Perguntei às professoras se lembravam de terem sido proporcionadas, no curso de pedagogia, atividades que dessem a perspectiva de um trabalho lúdico com as crianças. As respostas foram mais ou menos semelhantes, poderemos ver isso nas falas que explorarei a seguir.

Penso que com estes relatos podemos situar como é vista e trabalhada dentro do curso a questão da ludicidade, que em termos teóricos é tão discutida. Isso nos leva a perceber o curso como que se fosse realizado em dois blocos, o da teoria e o da prática.

“Tudo muito no final, o resto é só teoria, cansativo demais, aquelas psicologias... pura teoria... tu sabes, que não que não sejam importante estas matérias, só que é muito cansativo, demais e muita teoria, o que se aproveita mesmo são as metodologias, a música, como ensinar a música para as crianças. A literatura infantil...” (Regina)

Na realidade, a partir da fala da Norma que trago a seguir, podemos perceber que o que caracteriza um trabalho numa perspectiva de contribuir para que as alunas se soltem mais, sejam mais dinâmicas e possam também viver o lúdico realmente no seu processo de formação acadêmica, não é outra coisa senão a capacidade e a disponibilidade de dar vida a uma teoria.

“Mas tinha uma professora de ... aquela matéria da diferença da Educação Tradicional com aquelas outras, ... ela fazia teatro também, nós fomos até num aviário, trouxemos um pinto, a nossa era construtivista, então tinha que mostrar como a criança aprende melhor... não precisa ser aquela coisa de ir lá pra frente e ficar lendo, lendo, lendo.”

Significações semelhantes que nos remetem a uma antiga crítica que temos do curso, o fato de ele estar organizado em áreas do conhecimento extremamente teóricas no início e práticas no final do curso. Digo extremamente não por considerá-las menos importantes, mas pelo enfoque dado a elas quando são ministradas pelos

professores. Prova disso é a fala da Lindomar que, como a Norma tiveram outra experiência ainda nas disciplinas do início do curso.

“Eu me lembro muito, principalmente de música, com a Claudia. Eu acho que com a Ana Rosa também, embora a disciplina dela não fosse específica da pré-escola, mas ela deu base pra gente trabalhar.”

Acredito que independente da disciplina, em se tratando de um curso de formação de professores para atuar na educação infantil, é preciso oportunizar aos acadêmicos situações em que possam se experimentar enquanto professores que logo serão, refletir as especificidades do nível de ensino em que irão trabalhar, visando olhar e atuar na e pela infância com respeito ao direito da criança de brincar.

Na tentativa de trabalhar com várias formas de brincar em diversas etapas da vida das professoras, bem como seus modos de encarar suas vivências lúdicas, procurei nesta pesquisa visualizar onde e quais eram os fatores que influenciavam nas suas concepções de brincar que se manifestam hoje nas suas vidas. Para tanto estruturei a coleta de dados que me pudesse colocar em contato com as lembranças da infância e os seus processos de formação. Entendendo a formação como um "continuum", trabalhei também a atividade docente das professoras, tempo e espaço das suas vidas que serão abordados agora.

REPENSANDO A ATIVIDADE DOCENTE

Através dos relatos orais e escritos das próprias professoras procuramos situar nossas experiências no contexto de estudo. Pensamos na relação existente entre o que vivemos no passado e nossas percepções mais atuais sobre o brincar e a docência em educação infantil.

Ao pensar na atividade diária que as professoras exercem como profissionais de educação infantil, precisamos levar em conta que vários fatores interferem e muitas vezes são determinantes na tomada de decisões que nos acompanham e que de nós são esperadas. A questão da infância já enfocada anteriormente foi muito importante na condução do trabalho reflexivo sobre a atividade docente das professoras.

Pensando nas suas lembranças da infância, podíamos estabelecer relações com o trabalho junto aos alunos hoje. Quero dizer que é a partir das suas concepções de infância e de brincar que as professoras organizam-se dentro da sala de aula e na condução do trabalho com as crianças. Concepções essas construídas no decorrer de suas trajetórias, e que às vezes, as mesmas nem dão-se conta de que são como balizas que delinham seu trabalho pedagógico.

Para a professora Norma, dar-se conta de que seu jeito dinâmico e espontâneo de ser foi aos poucos dando lugar à timidez e ao conformismo, foi um processo de reflexão desencadeado a partir deste trabalho. A conformidade relatada por ela de que a idade traz junto consigo a perda da capacidade de criação de oportunidades de se fazer feliz me chocou, mas fez parte das nossas reflexões na primeira entrevista que tivemos. Digo isso na tentativa de exemplificar como se dá este processo de formação a que hoje denominamos autoformação.

*“Até o que eu sei eu era muito espontânea quando pequena, de falar alto, e aí já vão dizendo: “Fala baixo, não grita, não grita na rua, não fala isso, olha isso, olha aquilo...” Então a gente vai sendo podada, de tudo que é lado, vão cortando, vai mudando tudo, **pro resto da vida!**”*

Dar-se conta dessas coisas é um processo de reflexão que se faz pela provocação do outro, em se tratando das histórias de vida. Ao analisar o termo, podemos erroneamente pensar nisso como algo individual. A autoformação, ao contrário do que se possa pensar, não acontece somente de maneira individual, ela se dá com o outro, com o olhar provocativo do outro que vem possibilitar o envolvimento e a instauração de um processo que necessita de empatia, cumplicidade e vontade de reconstruir as imagens passadas.

No contexto do nosso trabalho, coube a mim como pesquisadora ser a provocadora das lembranças das professoras, para que o trabalho se desenvolvesse nesta perspectiva.

Os aspectos abordados com vistas a trabalhar com a atividade docente junto às professoras, nos deram a oportunidade de dialogar sobre três fatores mais claramente, estes nos dão elementos de discussão pertinentes ao fazer pedagógico e as significações tidas e refletidas sobre o trabalho com as crianças.

Eu poderia citar tais fatores como sendo as concepções construídas ao longo dos seus percursos pessoais e profissionais sobre o trabalho em educação infantil, sobre a infância que querem proporcionar aos seus alunos e o que significa o brincar na sua atividade docente hoje.

Trago a fala da Regina no intuito de dialogar também sobre sua concepção de brincar hoje em sala de aula com os alunos.

“Bom, quando eu brinco com as crianças, eu sempre penso que tem que ter um motivo, um objetivo. Por trás tem que ter um objetivo nas brincadeiras, então já é uma coisa mais ...o brincar já não é aquela coisa assim espontânea, tem sempre um objetivo por trás, tu está jogando junto, mas por trás tu está ensinando alguma coisa, passando alguma coisa, então já não é espontâneo.”

É preciso considerar o fator temperamento/subjetividade, considero lógico que não se pretenda homogeneizar comportamentos e hábitos, e sim reinterpretar significações sobre o que é o brincar na vida destas professoras, a partir deste rememorar das experiências vividas no passado.

Assim, acreditamos que o trabalho com as Oficinas Lúdicas puderam, também, dar visibilidade aos saberes que permeiam as práticas pedagógicas, buscando, além de instituir uma cultura reflexiva sobre estes saberes, recriar experiências infantis que possam nos colocar na busca por outros modos de atuar na profissão.

O trabalho nos trouxe à tona muitos anseios que temos na profissão, dentro da sala de aula, sobre o conhecimento da criança.... Tivemos como grande aliada nesta caminhada a vontade de crescer no que fazemos, junto com a sensibilidade, o olhar, o ouvir, que tornaram a cumplicidade das professoras uma marca que se somou na perspectiva da autoformação.

Uma palavra nova e que encerra significados tão subjetivos... Oliveira (1998, p.10) nos traz a contribuição de que a autoformação seria a...

...construção de si próprio ... A instalação de dispositivos que possibilitam a rememoração e a reflexão sobre os acontecimentos que produziram "marcas", que inscreveram registros acaba dando passagem a outras criações. O sujeito de posse do seu "material" existencial tem a possibilidade de ler a sua própria situação e aquilo que se passa em torno dele.

Autoformação, seria entendida, na perspectiva de se trabalhar com as histórias de vida de professores, como um trabalho de pesquisa e de reflexão das imagens construídas sobre a docência. (Oliveira, 1998, p. 11)

É este falar de experiências e processos vividos que nos possibilita reconstruir a história de uma profissão que apresenta-se muito individual e sem vínculos coletivos, justamente pela falta de se repensar trajetórias e o porquê de assumirmos certos posicionamentos e posturas frente a nossa atividade profissional.

Pesquisar o imaginário docente das professoras frente a sua profissão, foi para mim a busca dos sentidos dados as suas trajetórias de vida desde a infância até a atividade docente. Sem procurar constatação do trabalho ou não numa perspectiva lúdica, procurei primeiramente focar, e se configurou como o pano de fundo desta pesquisa como estas professoras viveram o lúdico em suas vidas.

APROXIMANDO-NOS DO FINAL DA BRINCADEIRA...

Pensar em educação infantil é pensar, ao meu ver, em um direito adquirido pela criança de viver a sua infância. Infância entendida como etapa da vida historicamente situada, com particularidades e especificidades. Ao defender a valorização da infância precisamos ter em mente que a valorização do professor que atua neste nível de ensino é também necessária.

Defender a valorização profissional é buscar uma melhor oportunidade de formação e o delineamento de ações que possibilitem a formação continuada dos professores que estão em serviço. Foi nesta abordagem de trabalho que sempre apostei e que esteve presente na condução desta pesquisa. Para além da constatação e da crítica, procurei investigar os fatores intervenientes que fazem parte das atividades das professoras e do brincar junto aos seus alunos.

Ao pensar nas lembranças dos fatos de suas vidas, as professoras muitas vezes se inquietavam com o esquecimento das principais brincadeiras de que participaram, das relações com os amigos... Mas, pude ver também que no decorrer dos encontros, principalmente nas oficinas lúdicas, as lembranças vinham mais à tona. Acredito que em função da descontração que quase sempre aconteceu nas atividades de expressão que me preocupei em montar e viver com elas.

As brincadeiras mais lembradas e brincadas por ocasião das oficinas nos permitiram sentir o gosto bom da infância e do lúdico que deixávamos manifestar-se em nós naqueles momentos.

Pensando na infância que queremos proporcionar aos nossos alunos, refletimos muito sobre o brincar e sua importância na educação de uma criança. Considerando que as mesmas estão num lugar até então mais apropriado para sua faixa etária, refletimos qual seria o nosso papel na condução de um trabalho que respeite o direito que a criança tem de brincar.

Foi neste ponto que percebi que as professoras têm concepções teóricas sobre o trabalho a ser desenvolvido nas instituições em que trabalham. Digo teóricas pelo fato de terem feito a formação acadêmica num curso de pedagogia em que se trata e reflete tais assuntos teoricamente.

Seria um ótimo caminho, se aliado a isso tivéssemos dinâmicas mais expressivas que buscassem nas contribuições que cada aluna matriculada num curso de formação de professores pode dar, pensando nas possíveis trilhas a serem seguidas para efetivamente brincar-se em sala de aula com os alunos.

Poderíamos pensar que no momento estou sendo tomada de uma pernosticidade inegável, que faz com que eu acredite salvar o mundo, ou a vivência do

lúdico em sala de aula através de um trabalho como o que realizei. Sim, poderia se dizer, mas não estaríamos mexendo muito mais e melhor com a capacidade criativa das pessoas dando-lhes o direito de viver o lúdico, muito mais do que simplesmente disponibilizando xerox e livros para que sejam lidos sem nenhuma forma de manifestação de vida?

Penso que é esta a formação necessária ao professor, em especial o de educação infantil. Para que o mesmo brinque é preciso recuperar o lúdico em sua vida. Recuperar algo significa trabalhá-lo subjetivamente, afinal sabemos que o não experienciado não nos traz nada, senão a idéia de que poderia dar certo.

Mas em que momentos o lúdico foi negado a estas professoras? Acredito que ficou um tanto claro no decorrer do texto, que a família pode contribuir para a lapidação que ocorre conosco muitas vezes. Considerando isto, não perderíamos de vista o tipo de formação que temos na sociedade ocidental cristã, que nega a corporeidade, separando o tratamento do corpo do da alma, uma sociedade que associou a noção de culpa e pecado às questões ligadas ao corpo, ao brinquedo, ao prazer.

Em especial atenção dada a entrada das professoras na escola, pudemos perceber que se brincava mais depois de nela ingressar, mesmo em situações e tempos pré-determinados pelo adulto que, via de regra, não participava das brincadeiras. Ao considerar tais aspectos dos processos de escolarização das professoras, não podemos esquecer do contexto histórico em que as professoras viveram e que eu de certa forma também atravessei em minha trajetória. Uma escola em que não se podia haver espaço para o brincar. É nesse contexto que aparecem as escolas como instituições disciplinadoras, produtoras de corpos dóceis.

A partir do trabalho de autoformação que produzimos juntas ao estarmos dispostas a realizar esta reconstrução de fatos e imagens do passado, refletimos também a atividade docente que as professoras desenvolvem diariamente nas instituições em que trabalham. Várias questões foram abordadas, mas especialmente a especificidade pedagógica existente no trabalho com crianças nesse nível de ensino.

Foi possível perceber que todas as professoras estão em constante busca por outras formas de tornar seu trabalho mais dinâmico e condizente com o que se espera de um profissional que está diretamente ligado a infância.

Acredito que um dos entraves para que um trabalho mais lúdico possa acontecer junto às crianças, foi muito bem explicado pelas professoras. A jornada diária de um professor é bastante cansativa e demanda muita dedicação, o que acaba

por vezes, dando caminho a um trabalho mais formal colocando o lúdico, a brincadeira, em espaço e tempos pré-determinados, sem a presença do professor, a hora do descanso.

É claro que isso não é uma constante, já que as mesmas me demonstraram saber que proporcionar a brincadeira na sala de aula seria uma das aptidões na consideração de um perfil profissional para quem atua em educação infantil.

As aprendizagens advindas de uma pesquisa são muitas para quem a realiza enquanto pesquisador, mas também para quem se deixa pesquisar. Neste momento, posso me situar enquanto aprendiz que fui neste processo. Aprendi que é possível pensar uma outra forma de educação, que não a da formalidade.

Pensando em uma análise geral dos achados desta pesquisa, poderia dizer que ao proporcionar às professoras que se revissem em suas trajetórias, pude tê-las como parceiras dessa discussão sobre o lúdico na sala de aula, não com fins didáticos, mas como manifestação de vida, alegria e esperança em um mundo melhor.

Retomo agora a questão da dimensão estética da prática educativa, que utilizei anteriormente. Dimensão estética como o cuidado de si, que nos fala Foucault, que nesse caso seria o exercício do professor sobre a sua produção de subjetividade e sobre a sua profissão. Poderíamos também pensar na dimensão ética do fazer docente, como o compromisso do professor com a infância e a ludicidade como princípio educativo.

Ouvi muitas vezes a questão de parar para refletir, onde, a partir do que consideram as professoras, o trabalho desenvolvido possibilitou esta “parada” – Afinal, o que é o tempo da escola? Para elas, refletir sobre o trabalho, a profissão, as lembranças da trajetória que poderiam ser construtoras de suas concepções de brincar **é parar**. Remeto-me neste momento a cultura docente e de escola que está impregnada pelo ideal moderno de produção. Produção em série, produção de bens, de capital. Jamais a produção de sentidos, de reflexões. Produção no sentido de obra material e não existencial.

Não conseguiria finalizar este texto sem contar o que senti ao ver a Lindomar chorando no último encontro que tivemos, é como se ao vê-la chorando eu tivesse a maior prova de que este trabalho não produziu só em mim a emoção de estar em movimento, movimentando também a minha trajetória de vida, trabalho, estudos, dando vida aos meus anseios de transformar esta discussão em uma parte da minha contribuição as trajetórias profissionais delas. É também poder dizer que acredito,

porque experimentei, porque fiz e porque vivi esta pesquisa na pele, com muita paixão.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro : Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Trad. José Américo Motta Pessanha. 3 ed. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil. 1991.

BONAMIGO, Euza Maria de Rezende & KUDE, Vera M. S. **Brincar: brincadeira ou coisa séria?** Porto Alegre : Educação e Realidade, 1991.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CATANI, Denice Bárbara, et al. **História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação**. In: _____. (Org.). **Docência, Memória e Gênero: Estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

CRAIDY, Carmem M. e KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. (Orgs.) **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: ArtMed. 2001.

DINELLO, Raimundo. **Pedagogia da Expressão**. Trad. Luciana Faleiros C. Salomão. Uberaba, Universidade de Uberaba Edição, 1996.

_____. Raimundo. **Expressão e Criatividade**. Trad. Luciana Faleiros C. Salomão. Montevideo, Ediciones Nuevos Horizontes, 1998.

Educação em Revista. **A Educação Infantil começa a sair do papel**. Ano IV – nº 25 – Nov./Dez. 2000

FERREIRA, Nilda Teves, EIZIRIK, Marisa Faermann. **Educação e Imaginário Social: revendo a escola**. Em Aberto. Brasília: ano14, nº 61, jan/mar 1994.

FREIRE, Madalena. “Prefácio”. In: MACHADO, Maria Lucia A. **Pré-Escola é não é Escola:a**

busca de um caminho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FREITAS, Marcos César de. **História Social da Infância no Brasil.** São Paulo: Cortez, 1999.

GARCIA, Regina Leite. **Do baú da memória: histórias de professoras.** In: ALVES, Nilda. _____. (Orgs.) **O sentido de escola.** 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: **O jogo como elemento da cultura.** Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo, Perspectiva, 1971.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação.** São Paulo, Cortez, 1996

KRAMER, Sônia. **Leitura e Escrita de Professores: da prática de pesquisa à prática de formação.** In: Revista Brasileira de Educação. jan./abr. 1998, nº 7, p. 19 – 41.

LAROUSSE CULTURAL. **Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo, Nova Cultural, 1992.

LOZANO, Jorge E. Aceves. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro : Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MACHADO, Maria Lucia A. **Pré-Escola é não é Escola: a busca de um caminho.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MARCELLINO, Nelson C. **Pedagogia da Animação.** Campinas, SP. Papyrus, 1997

MARRE, J. **História de vida e método biográfico.** Cadernos de Sociologia. Porto Alegre, v. 3, nº 3, jan./jul., 1995

MEIHY, José C. Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis : Vozes, 1994.

NÓVOA, António. **Vidas de professores.** Lisboa : Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, Paulo de Salles - **O que é brinquedo?** Coleção primeiros passos – 138 - Brasília, Editora Brasiliense 1989.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **Imagário social e escola de segundo grau.** Ijuí : UNIJUÍ, 1997.

_____, **Histórias de professores e processos de formação/subjetivação.** In: Educação em debate, 1998 – Fortaleza – Ano 20 – nº 36 p. 7-13.

_____, **Laboratório de imagens: da docência na formação de professores.** Santa Maria, Projeto de Pesquisa, UFSM, 2000.

_____, (Org.). **Imagens de Professor – Significações do Trabalho Docente.** Ijuí, Ed. UNIJUÍ - 2000.

OLIVEIRA, Zilma Morais Ramos de (Org.). **Educação Infantil: muitos olhares.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

REDIN, Euclides. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca!** Porto Alegre: Mediação, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **La Imaginación y el Arte en la Infancia.** Madrid: Akal Bolsillo, 1982.